

# Constelações Familiares e PICS - Dimensões Científicas<sup>1</sup>

Prof. Dr. Marcelo L. Pelizzoli<sup>2</sup> – UFPE ([opelicano@gmail.com](mailto:opelicano@gmail.com)) (@marcelo.pelizzoli)

## Introdução

Há um contexto de polarização entre os que querem destituir as PICS (Práticas Integrativas e Complementares em Saúde) e destituir as CF/CS (Constelações Familiares e Sistêmicas) e os que defendem. Como compreender? O que a ferrenha tentativa de destruição revela? As intenções são verdadeiramente a saúde pública das populações e a realização de uma justiça mais efetiva? Quais os pressupostos e o mundo vivido/contexto das críticas emitidas, bem como das “defesas”?

É correto usar um conceito unívoco de Ciência? Qual a importância do olhar epistemológico (filosofia da Ciência, Epistemologia etc.) neste caso? Por que ele quase não está presente, bem como as discussões sobre paradigmas/escolas dominantes? O que um pretense olhar científico pode estar escondendo, sufocando? Quais são os pontos cegos de quem faz ciência na sua área específica mas não faz epistemologia, filosofia da ciência, teorias do conhecimento e opera de modo interdisciplinar?

As críticas em nome da ciência – em especial as acusações de “pseudociência” estão fundamentadas cientificamente ou construídas sem base em pesquisas? Entraram em contato com a produção científica existente da área que se quer destituir/destruir?

Que entendimento os críticos têm de Constelações Familiares e Constelações Sistêmicas (CF/CS)? Sabem diferenciar entre CF e CS bem como os vários modelos e as *ferramentas* usadas para ambientes variados, as diferenciações (não presentes nas críticas)? É correto julgar as CF/CS a partir apenas do autor Bert Hellinger? Por que concentram uma prática que se ampliou a apenas um precursor, mesmo que o central? É correto julgar um corpo teórico apenas por algumas frases e textos retirados de seu contexto, tempo e modelo de narrativa específico? *Estão sendo consideradas a amplitude de possibilidades das CF/CS – bem como seu aspecto de filosofia prática, de apoio terapêutico, de lida com conflitos e relacionamentos, de pedagogia, de complementariedade em saúde?*

## Instabilidade estrutural ou riqueza de possibilidades e ferramentas das CF / CS ?

---

<sup>1</sup> Texto em revisão; base das palestras que constam neste tema no canal: Prof. Marcelo Pelizzoli no Youtube.

<sup>2</sup> PhD. Prof. Titular da UFPE. Autor de 18 obras. Ex. professor de Lógica e Crítica da Investigação Científica do Mestrado rede PRODEMA. Ex prof. de Epistemologia da Saúde do doutorado em Saúde Pública da FIOCRUZ. Ex professor do Doutorado interdisciplinar em Filosofia da UFPE. Co-criador da linha de pesquisa em PICS do Mestrado em Saúde Coletiva da UFPE. Ex membro do Comitê de Ética em Pesquisa. Formado em Constelações Familiares (Hellinger Schule) em 2009, em CNV (M. Rosenberg em 2005); Open Organomy (2008-2014); Círculos Restaurativos (Kay Pranis, 2012). [opelicano@gmail.com](mailto:opelicano@gmail.com) YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCz3fkoJKDSH759n9xCxOj9A>

As CF/CS precisam ser consideradas em primeiro lugar como *filosofia prática* (postura, visão, modo de compreensão, modos de ser - em olhar fenomenológico-hermenêutico); depois como possibilidade de terapia (breve); igualmente, como tratamento adequado de conflitos; também como *pedagogia* (educação sistêmica...); entra marcadamente no contexto *organizacional* (ver seus usos que a tornaram famosa na Europa neste meio: IBM, BMW, Chrysler, Scania etc.); é também *estrutural* – mais cognitiva, foco em autoconhecimento e ações; tem forte aspecto de valorização da *ancestralidade* (como as comunidades humanas mais enraizadas o fazem); aspectos de lida com nossas Sombras ocultadas; aspectos de valores profundos da paz (ver a obra *Conflito e Paz*, uma resposta – de B. Hellinger), do equilíbrio nas relações e das trocas sociais, e principalmente da retomada de laços de Amor, com sentido focal no amor (sim) à vida. Por que esta amplitude e os aspectos filosóficos práticos são elididas nas críticas?

Existem **tipos diferentes** ligados a esta prática(s), e isto precisa ser compreendido na sua pluralidade: Exemplos: o trabalho de V. Satir e suas Constelações sistêmicas; a Análise transacional do psiquiatra Eric Berne; o trabalho do psiquiatra Iván Bözörményi-Nagy com a psicoterapia ligada aos sistemas ancestrais; a inicial Colocação da Família de **Hellinger**; as CF no método sistêmico fenomenológico de Hellinger; as Novas constelações ou constelações do Espírito (Hellinger e Sophie); a IOPT (Constelação da Intenção e do trauma – F. Ruppert); a Constelação Estrutural (M. Varga); um modelo “homeopático” de CF (S. Hausner); “Relacionamentos que curam” (CF em diálogo com modelos de família pós moderna); o modelo usado pela Práxis sistêmica (RJ) com foco no empoderamento e liberação emancipatória, feminista também; as CF/CS internas e em conexão com os Direitos Humanos e a Cultura de Paz (como presente do EDR-UFPE, o qual coordeno); CF com Bonecos, com Cavalos; bem como um imenso leque de Dinâmicas e Exercícios Sistêmicos.

Cabe então a pergunta: por que muitas pessoas encerram as CF/CS ao trabalho de Bert Hellinger e a um modelo específico de CF que consta na história deste desenvolvimento? Seria o mesmo que dizer que a psicanálise no séc. XX se resume não apenas a Freud mas a um certo momento importante do pensamento de Freud.

Não obstante, a e pluralidade e principalmente a *expansão* traz riscos, como em qualquer prática – principalmente no crivo da segurança, eficácia, efetividade, da qualidade das formações, supervisões, o necessário controles de qualidade, e certamente que o diálogo com as ciências e a validação é essencial neste contexto, principalmente quando as práticas entram nas instituições públicas. Neste e em outros sentidos (nosso texto focará mais o que não está sendo visto nas críticas às CF/CS, mas em outro momento focaremos mais a importância das críticas), as críticas são essenciais para sua lapidação, melhoria, afastamento dos charlatanismos e usos errôneos entre outras mazelas que atingem todas as novas práticas e mesmo as consagradas. Em se tratando de sua entrada no serviço público, isto se torna mais premente. Ao final deste texto aponto algumas medidas necessárias para dar consistência a este campo. Não obstante, notemos que estamos lidando com práticas que envolvem olhares ampliados, visão hermenêutica, alargamentos epistemológicos e novos paradigmas de compreensão.

Não é uma tarefa simples a conexão entre cientificidade e CF/CS, por mais de um motivo; e no caso da escrita de B. Hellinger, há certos rompimentos com o modelo de ciência que ele conheceu; veja-se, por exemplo, a pretensão da *Hellinger Scientia* – na Introdução da obra há um rompimento com a ciência normal, e a busca de um tipo de “metaciência”, a ciência própria de *Hellinger*, a *Hellinger* ciência. Ou seja, uma posição de quem está esgotado com as críticas em nome da ciência e cria um tipo de ciência

filosófica própria e do conjunto de seus apoiadores. Em todo caso, o desenvolvimento das CF prossegue e vai tomando novos rumos e exigências aparecem.

### **CF/CS e PICS** (Práticas Integrativas e Complementares em Saúde<sup>3</sup>)

Há usos que considero de grande utilidade e efeito benéfico das C. na **Saúde** (ver o trabalho de Stephan Hausner por exemplo; ou mesmo o de Hellinger (*Desatando laços do destino*, entre outros); o professor G. Weber (médico psiquiatra e prof. da Universidade de Heidelberg; a lúcida Constelação do Trauma/Identidade (F. Ruppert). No Brasil, os trabalhos dos médicos prof. Dr. João Miguel da UFG, o Biomédico Tadeu Santos; Dagmar Ramos, Renato Bertate, Roberto Debski, entre muitos outros.

Considero que as CF/CS devem operar em especial no modo **complementar**, ajudando a esclarecer etiologias sistêmico-familiares e outras não vistas; além do mais podem produzir motivação existencial e ânimo<sup>4</sup>, operacionalizar o difícil *saber e sentir* ao mesmo tempo, compreensão de histórias de vida, do papel dos traumas no sujeito, bem como o confrontar-se com a responsabilização pela própria vida, típico de alguém que busca crescer de fato, um adulto.

Neste sentido, vejo que há no contexto das **PICS e das CF/CS** um casamento não apenas perfeito, mas necessário, desde que bem feito. As CF implicam uma visão sistêmica contínua e profunda (*integrativa*), como as PICS. Nesta compreensão, não se trata apenas de aplicar uma técnica apenas, uma homeopatia ou acupuntura, bem como “abrir uma CF”, bem como “curar” alguém. Isto não é viável em geral, não tem base nem na evolução da teoria de Bert Hellinger nem nas boas práticas sistêmicas. **CF não é cura ou solução final**, mas envolve *consciência*, das experiências vividas, conexão com o *Self*, compreensão sistêmica; é exercício de colocar-se no lugar do outro, é valorização da autonomia ao mesmo tempo que da alteridade e da vida – é, assim, a afirmação/Sim à VIDA em meio ao sofrimento humano. Até onde isto está sendo considerado, experimentado, acompanhado nas críticas e nos usos das CF/CS?

As críticas às PICS – na avaliação de quem está mergulhado no mundo científico das pesquisas em PICS – tornaram-se arcaicas e falaciosas; bem como a crítica ao fato de que se gasta 3 milhões por ano no SUS com elas. Note-se que em países desenvolvidos, como os EUA, o gasto anual com estas práticas é **200 vezes maior!** Não investir em PICS ou em Medicinas Tradicionais, complementares e integrativas (MTCI), como diz a OMS, é um dos maiores atrasos em saúde pública e de avanço da ciência possível. Os detratores das PICS desconhecem também o potencial qualitativo e quantitativo das mesmas. A uma pergunta de quantos artigos existiriam hoje nos indexadores científicos envolvendo PICS/MTCI um dos críticos chutou que talvez em torno de 10 mil artigos. Mas são hoje mais de **1.620.000** (um milhão e seissentas e vinte mil !)<sup>5</sup>. A quem interessará destruir as PICS, justamente o futuro para onde caminha o verdadeiro cuidado em saúde no mundo?<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Falamos aqui das PICS num contexto de paradigma integrativo, não tanto em termos de cada prática específica, que merece posterior avaliação.

<sup>4</sup> Apenas como exemplo: Asztalos, M., Angster, M., & Pusztai, I. (2011). Family constellations in therapy-resistant cases of patients suffering from depression and a wish to die. *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, 2(Sup2), 15.

<sup>5</sup> <https://cabsin.org.br/membros/>

<sup>6</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=rDq3EWMc-TU&ab\\_channel=ConselhoNacionaldeSa%C3%BAde-CNS](https://www.youtube.com/watch?v=rDq3EWMc-TU&ab_channel=ConselhoNacionaldeSa%C3%BAde-CNS)

Há alguns anos no Brasil temos um Consórcio Acadêmico de pesquisadores/professores nas práticas integrativas, contando com 53 universidades e mais de 700 pesquisadores. Este consórcio, que tem parceria com a BVS, BIREME, OPAS, OMS e com Consórcios integrativos de vários lugares do mundo, produziu um **mapa de evidências** de 10 PICS no Brasil, das 29 em pauta. Como ignorar organismos de pesquisa tão importantes como estes e seus resultados?<sup>7</sup> Como ignorar um quantitativo desta ordem de magnitude científica? O que representaria isto para o desenvolvimento do país na área de Saúde? A hidra que parece querer destituir as PICS é composta de muitas cabeças, como a indústria farmacêutica, a dos agrotóxicos, a de equipamentos industriais em saúde, fortes *lobbies* em medicina, algozes do SUS, escolas biomédicas arcaicas e colonialistas, e alguns pesquisadores que cultivam um racionalismo científico pré-contemporâneo ao mesmo tempo que movido por fortes emoções - teríamos aqui presente o papel inconsciente do perpetrador?

As PICS dialogam com uma epistemologia integrativa e plural muito interessante. Para ver algo disso, trago como exemplo o caso do **Helicobacter pylori** (bactéria que se fixa na mucosa do estômago – 50% da população tem presente e a grande maioria sem sintomas e transtorno). Quando se descobriu este microrganismo, focou-se o problema da úlcera, gastrite, e até tumor muito em cima deste agente patogênico. Já na visão das práticas integrativas, ele é secundário (até porque se sabe que é encontrado na maioria das pessoas de modo assintomático) e o essencial são as dimensões alimentares, o consumo de água e vegetais crus, e a dimensão emocional da pessoa – o campo (diferentemente da visão microbiana). A **anamnese** ampliada é essencial em todas as circunstâncias, e uma abordagem integrativa e centrada na pessoa, não na nosografia, na doença. Os efeitos colaterais do tratamento alopático podem ser bem negativos e gerar resistências bacterianas; o grau de efetividade (no tempo) é bem pequeno. Há um nítido ataque a sintomas e não às causas. Numa analogia com as CF/CS, elas precisam pensar integrativamente e ampliar o olhar da causalidade (causas sistêmicas), bem como olhar verdadeiramente o ser humano a sua frente, sua história. (Cf. Pelizzoli, 2011, 2011<sup>a</sup>; 2013).

Importante perceber que as PICS operam dentro dos modelos convencionais de evidência, e com modelos e âmbitos diversos de *validação*: dentro do campo científico há mais de um, mesmo que as Revisões sistemáticas, grupo controle randomizado, quantitativo e prospectivo etc. sejam muito potentes, há outros inovadores, como os personalizados, ou os que levam em conta a epigenética<sup>8</sup>. E há os modelos em conjugação fenomenológicos, hermenêuticos, biográficos, estudos de caso etc. e há ainda os saberes tradicionais, o diálogo de saberes, interdependência de fatores; e há que se considerar o inexplicável, o oculto, a incerteza, a impermanência, a complexidade, os limites de todo conhecimento.

De igual modo, alguém que usa CF no contexto da Saúde não deve apenas focar os ferimentos familiares de ordens do amor convencionais – mas ter em mente causas por exemplo alimentares, ecológicas, econômicas, energético-corporais, culturais, e causas que nunca vamos saber e talvez nem precisemos. Neste sentido, defendo uma **Constelação Sistêmica Integrativa** e o diálogo intenso com as PICS. E do mesmo modo no sistema de justiça, acoplado ao conjunto das outras práticas autocompositivas em especial (veja as recomendações ao final deste texto). Na Saúde, pensamos as CF/CS no contexto integrativo, como ferramenta eficaz de cuidado; de modo análogo,

---

<sup>7</sup> <https://youtu.be/rfsvkSmgQQA>

<sup>8</sup> <https://youtu.be/rfsvkSmgQQA>

no Sistema de Justiça, no contexto dos meios adequados de tratamento de conflitos, ou paradigma da autocomposição, que empodera e responsabiliza as pessoas envolvidas.

Por mais avanço internacional e nacional das PICS, como se vê na OMS, nos meios conservadores há um silenciamento epistemológico das MTCl<sup>9</sup>. Há um processo de neocolonização da saúde no Brasil, com lobbies pesados. As PICS representam uma alternativa a isto, valorizando os saberes tradicionais, o cuidado integrativo, a pessoa individualizada e sua autonomia, o diálogo de saberes, sem contudo abandonar a ciência normal.

No ano de 2003, na 56ª Assembleia Geral da OMS, houve o reconhecimento formal e a recomendação para que os sistemas de saúde do mundo incluíssem as MTCl (PICS) em suas instituições. O que fica claro é que a narrativa de “falta de evidências das PICS” é uma grande falácia, uma *fake News*, como apontamos acima.

O caso das CF/CS é delicado pois é uma das práticas que ainda não foram contempladas com Mapa de Evidência para o caso brasileiro, bem como pesquisas suficientes.

### Questões de Linguagem

Sobre os *termos próprios* das terapêuticas energéticas ou sistêmicas e sua não inclusão na linguagem científica (termos como alma, energia, campo, algo maior...) sabemos que isto representa um choque. Deveriam por isto ser abolidos? Ou substituídos por conceitos científicos? Muitas pessoas buscam encontrar o seu correlato na linguagem acadêmica/científica. Mas quais os problemas disso, deste deslocamento semântico?

Creio que devem ser respeitados os contextos de linguagem das áreas, e também a conjunção dos usos, e colocados nas interações das linguagens e culturas dos usuários. Os termos e “linguagem científica” em geral são afastados das populações, mas por outro lado constituem o modelo maior e poderoso de validação (científica). Assim, devemos dialogar com eles e pôr à prova os conceitos que usamos, até para que fiquem mais claros e precisos, mesmo em meio às incertezas e amplitudes do conhecimento e dos contextos.

Entretanto, não podemos agir como se as palavras (por mais científicas que elas sejam) expressem as Coisas, o que se chama de “realidade” e realidade humana. O mundo é um lugar de sentido e de experiência, além de ser de objetos mensuráveis. Certos pesquisadores falam que devemos nos “ater aos fatos”, o que é um forte argumento, mas que por outro lado apaga o fato de que lidamos sempre com interpretações, interesses, viés, limitações de visão, instrumentos, incertezas, imponderabilidades, enganos. E há o risco de que pessoas se convençam de que são *donas dos fatos*, como se isto abarcasse as realidades vividas, e os outros seriam os místicos e leigos que devem ser convencidos ou combatidos. Fique claro que as ciências e a academia existe em função das comunidades, do mundo da vida, e não o oposto.

Em todo caso, dizer que “a Física quântica explica as CF/CS” (ou que os Campos mórficos de R. Sheldrake o fazem), e ela está separada da “ciência normal” (que seria “**cartesiana**”) pode ser uma grande generalização e sem base científica efetiva, um rompimento, e desconhece o caráter de construção pública, conjunta, sistemática e rigorosa em ciências. Representa em geral uma argumentação superficial, tácita, sem

---

<sup>9</sup> [https://www.who.int/health-topics/traditional-complementary-and-integrative-medicine#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/traditional-complementary-and-integrative-medicine#tab=tab_1) (MTCl - OMS)

especificidades, detalhes e explicações causais, e pesquisas suficientes, a não ser que se mostrem (e este trabalho deve continuar e muito a ser feito) as pesquisas existentes na área em pauta<sup>10</sup>. Há um mundo enorme de **misticismos terapêuticos**, pleadianos, vibracionais, quânticos, curas espirituais de DNA etc., que estão muito longe do mundo científico e da prestação de contas. Numa sociedade em crise existencial as mercadorias *psi* e salvíficas ganham força maior. Por outro lado, há grandes preconceitos também do lado das ciências naturais principalmente em relação aos saberes do *mundo da vida*. É preciso uma visão epistemológica do que seja a construção dos *mundos de sentido e significação*, e uma amplitude do *diálogo de saberes e interdisciplinaridade*.

*Qual o problema efetivo do que se chama de **cartesiano***? Não é Descartes. Não é só pensamento linear. Não é racionalismo propriamente. Nem determinismo científico apenas. Envolve perceber a perda da amplitude do olhar (bem como aspectos interdisciplinares), de dimensões que escapam ao modelo e método, do contexto histórico, de vários aspectos do ser humano; envolve dificuldade na conexão e consideração da interação corpo-mente; um preconceito sério contra as tradições, entre outros. Há aí um ponto central, que é a **objetificação** da investigação/olhar e das relações (ex. determinismos genéticos, mecanicistas, ou amor reduzido a aspecto bioquímico, entre tantos outros apagamentos epistemológicos)<sup>11</sup>.

*Atenção*: Pode-se ter um uso cartesiano também das CF/CS, um olhar não fenomenológico-hermenêutico de fato, tornando-se algo dogmático, positivista, ou até conformista, conservador e colonizador<sup>12</sup>.

A questão da linguagem se torna fundamental neste contexto – até porque as CF sabem e usam do potencial imagético das frases e palavras – e fica claro que as CF/CS precisam melhorar e refinar este diálogo e consolidar um *corpus* semântico em função de sua publicidade e funcionamentos.

### **CF/CS a caminho das Ciências**

É preciso considerar que “científico” tem graus variados. Os caminhos de pesquisa vão de testes de laboratório, pesquisas com animais, estudos de caso, estudos de caso controlados, estudos de coorte<sup>13</sup>, estudos com duplo cego randomizado, revisão sistemática e meta-análise<sup>14</sup>. Há revistas de maior valorização, com revisão por pares, e muito disputadas e ligadas a grandes centros de pesquisa. E quando se fala em verificar **Eficiência**: trata da otimização na aplicação dos recursos e materiais em relação aos resultados alcançados pela intervenção/técnica. **Eficácia**: capacidade demonstrada pela intervenção de atingir os objetivos e metas (funcionar) previamente estabelecidos. **Efetividade**: capacidade que os resultados da intervenção têm de produzir mudanças significativas e duradouras no público beneficiário. São dimensões consagradas, e

---

<sup>10</sup> Por exemplo, há nos indexadores científicos hoje várias pesquisas com o biocampo, dimensões energéticas, e com CF (veja nas referências ao final).

<sup>11</sup> Cf. Pelizzoli, 2011, 2011<sup>a</sup>, 2013.

<sup>12</sup> O importante tema das CF/CS em relação com a ética, questões de direitos humanos, conflito, paz e política, apresentarei no próximo artigo.

<sup>13</sup> **Estudos de coorte** fazem parte do grupo de **estudos observacionais de coorte** epidemiológico que se propõem a observar, em uma população previamente definida, qual será a incidência de determinada doença ou fenômeno relacionado à saúde ou doença.

<sup>14</sup> É um método estatístico para agregar os resultados de dois ou mais estudos independentes, sobre uma mesma questão de pesquisa, combinando seus resultados em uma medida sumária. Geralmente segue-se à realização de uma revisão sistemática. Aqui, tenta-se evitar o viés de publicação. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metan%C3%A1lise>

valorizar ciência em tempos de obscurantismo, negacionismo, se torna ainda mais importante. Por outro lado, sem a reflexão epistemológica profunda, bem como o contato efetivo com as realidades, comunidades, o pesquisador (principalmente os iniciantes, com pouca experiência e abertura, amplitude e reflexões epistemológicas) pode tornar-se um dogmático, racionalista, ofuscado pelo seu mundo o qual aplica sobre os outros como o leito de Procusto. Há motivações emocionais, subjetivas e de interesse, muitas vezes ocultas, além de viés de pesquisa. Podem tornar-se os inquisidores de bruxas, dos mistérios, saberes não metódicos, caçadores do que chamam de misticismo, mas com alto risco de jogar fora junto o mundo da vida e as experiências “não metódicas”, como fez Descartes no *Discurso do método*.

É surpreendente que as críticas que vi às *CF como pseudociência* não citavam artigos científicos existentes. Postei nas redes sociais e sites um documento inicial com 90 referências. No site da Sociedade Alemã para as CF constam mais de 2.500. No estudo de [Barna K. Thege](#) et al. são citados 4.197 documentos (é uma boa Revisão sistemática com meta análise, e que elide vários artigos, em especial os considerados sem estudos clínicos/experimentais). Este artigo que divulguei foi usado como prova de que as CF “não tem evidência alguma”! Contudo, não foi considerado o escopo e limites de escolha dos autores, que elegeram artigos clínicos randomizados e que cumprissem com todos os requisitos metodológicos e de evidências que eles buscavam, concentrando-se portanto em apenas **12 artigos** dentre os milhares existentes. Um erro evidente do posicionamento ou ocultamento dos críticos foi não mostrar o grande quadro de documentos, e que neste estudo em específico os autores não negam a relevância das constelações familiares bem como que é uma prática que tem demonstrado efeitos, e muito menos consideram a mesma “pseudociência”. O Estudo de Barna Thege et al. escolheu 67 documentos com estudos quantitativos e prospectivos de maior peso, e daí enfatizou 12 randomizados, e diz assim na conclusão: “Os dados acumulados até o momento apontam na direção de que a terapia de constelação familiar é uma **eficaz intervenção com benefícios significativos para a saúde mental na população em geral**; Contudo, a quantidade e a qualidade geral das evidências são baixas” (baixas no crivo citado antes e nos poucos estudos utilizados pelos dos autores,). “4.130 registros foram excluídos por não estarem relacionados com a intervenção alvo ou não conter empíricos dados”. De 4.197 registros identificados, 67 foram avaliados para elegibilidade, com 12 estudos preenchendo critérios de inclusão (10 amostras independentes; no total 568 participantes). “Dos 12 estudos, **nove mostraram significância estatística melhoria pós-intervenção**. Os estudos que não mostraram nenhum benefício significativo do tratamento foram de qualidade metodológica inferior. A meta-análise de efeito randomizado - conduzida em cinco estudos em relação à psicopatologia geral - **indicou um efeito moderado** (Hedges 'g de 0,531, CI: 0,387–0,676).”)

É evidente (principalmente diante do corpo da produção existente) que é completamente precipitado e inverídico falar que as CF/CS são **pseudociência**, tanto quanto dizer que é uma ciência consolidada principalmente no caso brasileiro (no Google Acadêmico há 873 documentos nos termos Constelação Familiar, principalmente na área do Direito; há um caminho longo ainda no Brasil de pesquisas a serem feitas na área).

Aos críticos se pode perguntar: Quantos artigos científicos são necessários para validar a ferramenta em pauta? O que fica claro é que a acusação de pseudociência é uma acusação mais de ordem moral do que fáctica, pois não tem comprovação e ignora o existente, ou quando entrou em contato com ele, considera-o sem evidência. Pediu-se o ônus da prova aos consteladores, mas os críticos desconheciam até pouco tempo a

quantidade considerável de publicações científicas sobre CF/CS. Por que agem ainda desta forma? Esta escolha é científica? Além do mais, o que justifica falarem em nome das ciências (“a Ciência”) de modo unívoco e a partir de seus contextos específicos/parciais? Incorrem talvez no mesmo fechamento de Hellinger ao falar em *scientia universalis* única para o caso das CF.

Pode-se exigir (talvez se possa *pedir*) das CF/CS resultados de E.E.E e segurança que muitas práticas terapêuticas (ou judiciais) ainda não alcançaram completamente? Por outro lado, várias práticas já assentadas em evidência produzem efeitos colaterais consideráveis (B. Kolk por exemplo mostra pesquisas de como a psicologia cognitiva foi retraumatizante nos casos de TEPT)<sup>15</sup>. Efeitos colaterais são complexos, enormes, constantes. Uma das percepções bem presentes em quem trabalha no sistema de justiça é o quanto as oitivas e o modelo de (não) tratamento de conflitos podem ser (re)traumatizantes. As práticas autocompositivas, os meios adequados, as soluções participativas e outras práticas como as CF/CS têm neste um ponto alto de cuidado, justamente a evitar os ferimentos e tratar o conflito de modo mais efetivo, sistêmico.

As *evidências por meio de Revisões Sistemáticas* são importantes, não obstante, alguns pesquisadores creem que tudo deve ter larga evidência com Revisões Sistemáticas e estudos clínicos randomizados. Porém, temos que ter em mente que mesmo isto pode ter limites e problemas. Note-se que tal postura dominante em geral invalida os usos e resultados quando a *metodologia* não é condizente com os procedimentos do modelo (exemplo bem presente em Medicina Baseada em Evidências). Ou seja, uma prática pode estar funcionando bem dentro de uma comunidade mas ser descartada por não preencher (ainda) os quesitos formais exigidos (Sackett, 2000, apud Pelizzoli, 2011). Há uma forte tendência a destituir os modelos narrativos de pesquisa, antropológico, descrição de casos, relatórios, dissertações com trabalhos de campo. Neste sentido, é preciso considerar que “Systematic reviews can be misleading, unhelpful, or even harmful when data are inappropriately handled; meta-analyses can be misused when the difference between a patient seen in the clinic and those included in the meta-analysis is not considered. Furthermore, systematic reviews cannot answer all clinically relevant questions, and their conclusions may be difficult to incorporate into practice (Yuan & Hunt, 2009, p.1<sup>16</sup>, apud Pelizzoli, 2011)

É preciso considerar claramente que as CF/CS não servem para todos os problemas, não são panaceia, e como veremos, podem e até devem em certos contextos ser conjugadas dentro de modelos de acolhimento e cuidado integrados, multidisciplinares ou até interdisciplinares. Como citado, são de antemão uma visão e postura (filosofia prática), um alargamento da consciência e da sensibilidade diante do sofrimento interpessoal, e então uma ferramenta.

Devemos tomar o saber científico biomédico *dominante* como única forma de validação de saberes integrativos?<sup>17</sup> Há possibilidade de considerar os “saberes (ainda) não

---

<sup>15</sup> KOLK, B. The body keeps the score. Penguin Books, 2015. Outro ponto, lembremos que a 4ª causa mortis nos EUA está dentro dos hospitais.

<sup>16</sup> “As revisões sistemáticas podem ser enganosas, inúteis ou mesmo prejudiciais quando os dados são manuseados de forma inadequada; as meta-análises podem ser mal utilizadas quando a diferença entre um paciente visto na clínica e aqueles incluídos na meta-análise não é considerada. Além disso, as revisões sistemáticas não podem responder a todas as questões clinicamente relevantes, e suas conclusões podem ser difíceis de incorporar na prática”

<sup>17</sup> As informações dos estudos randomizados também raramente estão disponíveis para questões de etiologia, diagnóstico e prognóstico, e para decisões clínicas que dependem de mudanças

metódicos”? Há um risco recorrente visto na história das Ciências em relação ao controle metódico das Ciências Naturais sobre as Ciências Sociais e humanas. Isto pode constituir também uma continuação do domínio e tentativa de controle pelo estatuto epistemológico das ciências da Natureza sobre o das sociais e humanas ainda hoje, e do viés cartesiano?

Precisa-se perguntar ainda pelos **paradigmas** dominantes nas Escolas acadêmicas que fazem escolhas e direcionam o seu olhar à reprodução do “Normal”, como diz T. Kuhn. Quantos alunos foram demovidos de estudar PICS, ou CF/CS na academia? Que linhas de pesquisa incluem isto? Há também discussões importantes sobre os limites dos modelos baseados em evidência no contexto interhumano, por exemplo em fenômenos complexos e que exigem a interação entre paciente e cuidador (campo), já que estudos Duplo Cego em geral excluem estas relações. Notemos que há mais de 300 psicologias/terapias diferentes: É correta ou dicotômica e excludente a pergunta sobre qual funciona e qual não funciona no nível da evidência completa, ou mesmo qual funciona melhor?

As ciências, no século XX, chegaram a compreensões epistemológicas muito importantes, indicadas nos conceitos de *incerteza, complexidade, interdependência de fatores, lógicas diversas e sistêmicas, interdisciplinaridade, diálogo de saberes, paradoxos quânticos* - como a dualidade partícula-onda e outros (Heisenberg, 1996, apud Pelizzoli, 2011). Isto não significa, contudo, que todos os pesquisadores incorporem na investigação estas compreensões. Precisamos, portanto, considerar o *Diálogo de saberes*, a pluralidade metodológica, um grau maior de multi e interdisciplinaridade, as dimensões paradigmáticas, ou seja, uma postura de reflexão epistemológica profunda e não apenas de *uso de métodos em ciência*. Sem esta discussão, e sem fenomenologia e hermenêutica em especial, as Ciências da Natureza ficam cegas às dimensões da significação, interesse, contexto, mundo da vida e fenômenos que ultrapassam sua capacidade de redução ao modelo investigativo e de validação aprendido. Já as Ciências sociais e humanas, sem as da natureza, podem ficar cegas também em aspectos essenciais da mensuração, materialidade, calculabilidade, dimensões físicas/biológicas do que se chama de objeto. Ou mesmo reproduzir o que W. Reich apontava como duas grandes armadilhas do saber ocidental: o materialismo/racionalista X espiritualismo/metafísico; as duas posições representam uma negação da vitalidade humana.

### **Críticas construtivas X críticas destrutivas**

As *críticas destrutivas* (eliminação, diferentemente das críticas construtivas) a uma prática com tanta expressão mundial e que entra nas PICS e no sistema de justiça no Brasil com entusiasmo são movidas pelo que? Este olhar parte do usuário? Parte de sua consciência, exame teórico e prático suficiente? De um amor à Ajuda como tal? Ou de um AMOR CEGO ao seu grupo e mundo? Por trás do ódio destilado às CF/CS (e às PICS) transparece haver sim amor, intensidade (além de grande apelo em redes sociais e aumento de seguidores), mas parece cego, não admite diálogo efetivo a não ser guerra de posições, não admite também testemunhos nem modelos de estudos que não sejam os já citados. Uma das maiores prisões mentais é a cegueira em nome da Razão, da Ciência, ofuscada pela potência de seu instrumento racional/científico. Mas a energia da *exclusão* é a mesma que opera nos extremismos. O que me recorda uma frase de B. Hellinger criticando o dogmatismo, no caso religioso: “Esse olhar mais preciso foi

---

fisiopatológicas, fatores psicossociais e suporte, preferências pessoais dos pacientes e estratégias para dar conforto e garantias (Feinstein & Horwitz, 2000 , p.1; apud Pelizzoli, 2011)

dificultado ainda mais pela afirmação de que a voz de Deus era a voz da consciência, a qual deve ser seguida em todas as circunstâncias”.

Os críticos encontraram alguns casos de retraumatização pelo uso de CF, e fizeram disso uma alavanca e cavalo de batalha para excitar também movimentos de direitos humanos (mulheres em especial). É evidente que os erros devem ser mostrados e sanados. No entanto, a tentativa de destituir as PICS e as CF veio muito antes dos casos emblemáticos. O que isto nos diz? Além do mais, não podemos ignorar, mesmo que menor, os usos sistêmicos das CF/CS na dimensão da cultura de paz, empoderamentos de direitos e das mulheres, como citado no início deste texto. E o próprio uso das CF no sistema de justiça, que em geral tem como essencial o foco no cuidado com as vítimas e a não retraumatização, mesmo que algum constelador o tenha (mal) feito diferente.

Por fim, as críticas são essenciais para aprimoramento dos serviços, das CF/CS em especial; já a precipitação destrutiva a qualquer custo, são lamentáveis e incoerentes.

### **Recomendações finais aos consteladores**

Cuidar com a *linguagem* utilizada, como falamos e em nome de que. Ciência, Física quântica, Campo mórfico, Cartesiano, Alma, etc. não são termos unívocos. Mostrar a peculiaridade e limites da linguagem utilizada, cuidar do uso forçado de conceitos das ciências naturais para validar o que não está (bem) validado cientificamente.

Formular Cartas de *Princípios* com apoiadores e ver formas de ampla divulgação. Trabalhar a Comunicação.

Propiciar aspectos de *Sinergia*: REDE, unir Escolas e Associações e parceiros possíveis, e aí fomentar urgentemente algum tipo de *regulamentação* (com Grupo de Trabalho).

Ai dentro, iniciar um *Código de Ética* básico do *facilitador / constelador*”, incluindo também crivos de formação mínima, supervisão, estudo, práticas etc. (Pensar em responder a partir da profissão, e não antes como constelador. É preciso, contudo, pensar como fica quem não tem profissão, ligado ao uso institucional).

Criar *grupo/s de pesquisa* com foco em: revisão bibliográfica e produção de novas pesquisas (foco em ciências é fundamental – mostrar o que há no mundo e no Brasil). Um grande banco de dados nacional na área.

Criar e Organizar *Protocolos* de funcionamento em cada serviço com o máximo de segurança e transparência possível. Conectar-se com os serviços psicossociais para encaminhamentos de segurança.

Conectar mais as CF/CS dentro de serviços/sistemas de *autocomposição*. Deixar claro os fluxos de funcionamento.

Mostrar seu aspecto de *ferramenta* de autoconsciência, percepção, compreensão das relações e conflitos, dinâmicas, exercícios. Pensar em termos de Filosofia Prática mais que psicoterapia.

Mostra a *ampliação do olhar* por meio das várias formas de CF e CS. Não existe propriamente a CF, mas as CF e CS. Como mostrado acima; assim como falar em *ciências e saberes*. E aí deixar claro as escolhas metodológicas e de contexto de uso que cada um faz.

Conjugar a *validação* de percepções sistêmicas com o que está significativamente documentado pelas ciências à frente das CF/CS (como por exemplo: a de que vítimas sistêmicas tendem a reprodução de vitimização; que os aspectos dos traumas em família são extremamente marcantes; modelos de vínculo/apego e o que causam; aspectos multigeracionais importantes, pela epigenética, entre outros.)

Perceber sempre os limites e desconfortos de qualquer método de CF/CS. Não há intervenção sem risco. Utilizar a ideia de *pharmakon* a partir de Sócrates e Platão, e a de *Terapeutes* de origem grega.

Estimular a *pesquisa* nas IES – mestrados e doutoradas em especial (professores), bem como as pesquisas *in loco*. Conectar os projetos com Pesquisa de campo, quando viável. Incluir nos planejamentos a *Avaliação* dos serviços de CF/CS. Incluir normas do CEP (Comitês de Ética em Pesquisa) nos Projetos (Riscos e benefícios; encaminhamentos em caso de desconforto; TCLE...). Ver a possibilidade de ampliar espaços de diálogo e compreensão no seio das práticas sistêmicas.

Observar o *valor da(s) ciência(s)* e que as CF/CS estão a caminho e devem passar por este crivo. Que este crivo não precisa ser unívoco, mas ele é essencial. Os aspectos dos testemunhos, relatórios, estudos de caso, consulta de satisfação tem importância também.

Redobrar o cuidado, a qualidade e a quantidade de *formação/capacitação*. Estimular formação constante dos consteladores. Ter Grupos de Intervisão. Estudar métodos agregados (CNV, Círculos, mediação, meditação, entre outros.) e dialogar com eles. Estudar mais profundamente aspectos psicológicos das intervenções e da Ajuda.

Mergulhar o máximo possível nas *Ordens da Ajuda*. Priorizar o encontro, abertura, transparência, diálogo, antes que a técnica. Questionar as crenças doutrinárias em CF/CS, deterministas, e qualquer sinal de patriarcado, machismo, colonização, alienação da realidade social e política vivida. Lembrar que as CF surgiram muito em função dos intensos ferimentos resultantes do nazismo/fascismo e posições alucinatórias e autoritárias, algo semelhantes ao que vivemos hoje no Brasil e em outros países. Mostrar que as CF/CS são nitidamente um antídoto à extrema Direita que emergiu no Brasil. Essencial fazer pontes do trabalho em CF/CS com as questões de *direitos humanos* e cultura de paz.

Ter a consciência de que CF/CS estão no mundo, em contextos. O que ocorre no país está ligado ao sistema das pessoas; não se pode resumir tudo ao foro *interior*, da alma, e do sistema familiar, pois isto é um tipo de cegueira. Como posicionar-se de modo cidadão? A prática não pode ser *colonizadora*, apoiar dimensões patriarcais, ignorar a destrutividade presente na sociedade. O interior está ligado ao exterior.

Estabelecer Rede, debate, seminários dimensões de conhecimento e também dimensões de política pública. Grande debate nacional dos consteladores (SUS, IES e Justiça). Proponho Seminários Nacionais e (inter)Nacional no tema, como iniciamos na UFPE em 2021<sup>18</sup>

## Referências iniciais

---

<sup>18</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=rfsvkSmgOQA&t=4s&ab\\_channel=Prof.MarceloPelizzoli](https://www.youtube.com/watch?v=rfsvkSmgOQA&t=4s&ab_channel=Prof.MarceloPelizzoli)

Canal Prof. Marcelo Pelizzoli no Youtube  
<https://www.youtube.com/channel/UCz3fkoJKDSH759n9xCxOj9A>

(Vídeos sobre as críticas e respostas em torno das Constelações Familiares, em especial: <https://youtu.be/qWbHXsAGjTM> )

<https://youtu.be/rfsvkSmgOQA> (PICS e cientificidade - 2021)

[https://www.youtube.com/watch?v=rDq3EWmC-TU&ab\\_channel=ConselhoNacionaldeSa%C3%BAdede-CNS](https://www.youtube.com/watch?v=rDq3EWmC-TU&ab_channel=ConselhoNacionaldeSa%C3%BAdede-CNS) (Seminário Nacional – Importância das PICS no SUS - 2021)

<https://cabsin.org.br/membros/> (Consórcio Acadêmico Brasileiro de pesquisadores em Saúde integrativa) (Acesso a indexadores em PICS/MTCI)

<https://mtci.bvsalud.org/pt/> (BIREME, Biblioteca Virtual em Saúde / Rede MTCI Américas)

[https://www.who.int/health-topics/traditional-complementary-and-integrative-medicine#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/traditional-complementary-and-integrative-medicine#tab=tab_1) (MTCI - OMS)

[www.ufpe.br/edr](http://www.ufpe.br/edr) (Espaço de Diálogo e Reparação da UFPE)

1. GADAMER, H-G. *O caráter oculto da Saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.
2. HELLINGER, Bert. *O amor do espírito (na Hellinger Scientia)*. MG: Atman, 2009.
3. \_\_\_\_\_. *Ordens da Ajuda*. MG: Atman, 2005.
4. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. SP: Perspectiva, 1997.
5. PELIZZOLI, Marcelo L. (Org.). *Bioética como novo paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2007.
6. \_\_\_\_\_ (Org.) *Caminhos da saúde – a integração mente-corpo*, Petrópolis: Vozes, 2010.
7. \_\_\_\_\_ (Org.) *Saúde em novo paradigma*. Recife: EDUFPE, 2011.
8. \_\_\_\_\_ (Org.) *Novas visões em saúde*. Recife: EDUFPE/Libertas, 2013.
9. \_\_\_\_\_ (org.) *Cultura de Paz – restauração e direitos*. Recife: Ed. da UFPE, 2010.
10. PELIZZOLI, Marcelo L. “Saúde: entre Ciência, Doença e Mercado - Reflexões epistemológico-críticas”. In: Barreto, Alexandre. *Integralidade e Saúde: epistemologia, Política e práticas de cuidado*. Recife: EDUFPE, 2011. (a)
11. \_\_\_\_\_. Visão histórica e sistêmica: bases para o paradigma integrativo em saúde”. In: Barreto, Alexandre (org.). *Práticas integrativas em saúde*. Recife: EDUFPE, 2014.
12. Barna Konkoly Thege, C. Petroll, Christina Hunger-Schoppe, Carlos Rivas, Salome Scholtens (2021). Eine aktualisierte systematische Übersichtsarbeit zur Wirksamkeit von Familienaufstellungen. *Psychotherapeut* (jul 2021) DOI: [10.1007 / s00278-021-00521-6](https://doi.org/10.1007/s00278-021-00521-6) (Uma revisão sistemática atualizada sobre a eficácia das constelações familiares)
- 13 – Pelizzoli, M.L. “Levantamento de primeiras Referências científicas no uso de Constelações Familiares e Sistêmicas”<sup>19</sup>  
(<https://www.4shared.com/web/preview/pdf/aP4rxbzLiq> )

---

<sup>19</sup> A maioria destes documentos são artigos científicos, em Revistas de pesquisa indexadas, âmbito acadêmico, revisão por pares; outros são capítulos de livros ou estudos de baixo potencial de validação científica. A maioria estão em língua alemã, mas contam em geral com

---

traduções em inglês. Há pesquisas de Revisão Sistemática, com Meta-análise, Estudos com Grupo Controle randomizado; pesquisa qualitativa e quantitativa, entre outros. **Isto indica clara e distintamente que a prática das CF está em pesquisa e na pauta do crivo e validação científica e nada tem a ver com “pseudociência”, ou simplesmente “não funcionam”**. Temos aqui em torno de **90 documentos**. Compilação inicial feita por prof. PhD. Marcelo L. Pelizzoli